



Levados pela mão: uma proposta de leitura para *Natália*, de Helder Macedo

Renata Einsfeld*

Resumo: O presente artigo pretende analisar o narrador de *Natália*, de Helder Macedo, e determinar se o narrador, em primeira pessoa, é digno de confiança. Para isso utilizaremos a obra de John Gledson, *Machado de Assis: Impostura e Realismo* - que analisa o narrador de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e o classifica como não confiável - para traçar um paralelo, a fim de delinear possíveis convergências entre as duas obras, classificando o narrador de *Natália*.

Palavras-chave: narrador, *Natália*, *Dom Casmurro*, Helder Macedo.

Abstract: This article aims at analyzing the narrator of the book *Natália*, written by Helder Macedo, and to determine if the narrator, in first the person, is trustworthy. To do so, we will be using the work of John Gledson, *Machado de Assis: Impostura e Realismo* - that analyzes the narrator of the book *Dom Casmurro*, written by Machado de Assis, and classifies him as someone who is not trustworthy - with the intention of outlining parallel convergences possible between the two works, classifying the narrator of the book *Natalia*.

Keywords: narrator, *Natália*, *Dom Casmurro*, Helder Macedo.

Ora bem, vou começar assim para ver no que isto vai dar.
Helder Macedo

Conhecido por criar romances cujos narradores parecem inspirar pouca confiança ao leitor¹, Helder Macedo constrói *Natália*, uma narrativa em forma de diário, em que a narradora, e protagonista, expressa suas inquietações acerca de sua identidade, psicológica e de suas origens, e narra sua trajetória e desconcertos nessa busca. Ao ser estruturada em forma de diário, a obra assume tom de confidencialidade, participando o leitor a impressão de veracidade do relato pessoal. Em contrapartida, temos uma narrativa em primeira pessoa, que assumiria a perspectiva de parcialidade e uma possível relativização da verdade. O narrador de *Natália*, então, pode ser classificado como digno de confiança?

O presente trabalho visa responder esse questionamento acerca da confiabilidade do narrador de *Natália*. Para isso, traçaremos um paralelo com a obra crítica de John Gledson, *Machado de Assis: impostura e realismo*, em que o crítico literário apresenta sua análise

* Graduanda em Letras (UFRGS).

¹ ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. *Capelas imperfeitas: o narrador na construção da literatura portuguesa do século XXI*. 2008. Tese de Doutorado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas, UFRGS. Porto Alegre, 2008. p.11

sobre a confiabilidade do narrador de *Dom Casmurro*. O romance de Machado de Assis apresenta um narrador não-digno de confiança em primeira pessoa que, ao tentar “atar as duas pontas da vida”², expõe ao leitor os indícios que corroboram sua crença da traição de sua esposa com seu melhor amigo. Partindo da comparação com a classificação do narrador de *Dom Casmurro*, determinaremos se o narrador de *Natália* é confiável.

1 Levados por conceitos

Natália, narradora e protagonista de *Natália*, principia seu processo de escrita, em primeira pessoa, explicando que, por sugestão de um escritor que entrevistara, iria fazer uma espécie de diário e depois³ veria a possibilidade de organizá-lo em livro. Apesar de Wayne Booth considerar “pobres algumas classificações de narradores como aquelas que dizem, sobre a pessoa (primeira, terceira) ou o grau de onisciência”⁴, como a que utilizamos para classificar num primeiro momento o narrador de *Natália*. Tal utilização fez-se necessária a fim de estabelecer uma primeira semelhança entre esse narrador e o de *Dom Casmurro*, o Bento – também em primeira pessoa –, no intuito de apontar, a partir dessa intersecção, a possível existência de demais pontos de congruências.

A proposta de Natália de escrever em forma de diário ativa o nosso imaginário para a veracidade de um relato pessoal, que em princípio nem deveríamos ler, fazendo confiar na confiança do que vai escrito/narrado. Assim um narrador confiável nos envolve, pois o “narrador digno de confiança é aquele que *pega o leitor pela mão*, que embarca cegamente na aventura proposta”⁵, não criando meandros. Mas Natália lança a dúvida sobre sua confiabilidade como narrador, ao explicitar a possível edição em livro desse diário, pois

Ao contrário do narrador digno de confiança, que garante a seu leitor que não realiza a viagem da leitura com vãs esperanças e falsos temores acerca não só dos fatos relatados como também das avaliações explícitas e implícitas dos personagens, o narrador indigno de confiança desordena essas expectativas, deixando o leitor na incerteza sobre saber até que ponto ele quer, afinal, chegar.⁶

Bento é esse narrador não confiável, “ele é, evidentemente, um enganador que está tentando nos persuadir de uma dada versão dos fatos de sua história”⁷.

² ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Formar, 1983. p. 147

³ MACEDO, Helder. *Natália*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010. p. 9

⁴ ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. *Capelas imperfeitas: o narrador na construção da literatura portuguesa do século XXI*. Porto Alegre, 2008. p. 22

⁵ *Ibidem*, p. 32.

⁶ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: Mundo do texto e mundo do leitor*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997. V. III, p. 281.

⁷ GLEDSON, John. *Machado de Assis: Impostura e realismo*. São Paulo: Schwarcz, 1991. p. 21

2 Tateando arestas

Tua mão que nos guia passo a passo.
Florbela Espanca

Bento inicia sua narrativa explicando os motivos que o levaram a escrever suas reminiscências. Cansado da monotonia, lembrou-se de escrever um livro. Circundou alguns assuntos que não motivaram suas forças. Mas, aconselhado pelas pinturas de bustos das paredes, principia por reconstituir os tempos idos. Cabe observar que “a idéia que lhe dá o impulso de escrever”⁸ não é dele, assim, levando a acreditar em sua inocência na escolha do assunto, pois deixaria deitar ao papel as reminiscências que lhe fossem vindo⁹. Em *Natália*, o narrador justifica a iniciativa de seu trabalho,

tenho estado a sentir-me muito só. Às vezes a gostar de estar a sentir-me só e outras vezes a ter medo de estar a gostar. Mas agora estou a sentir-me ainda mais só e a não saber se estou a gostar. [...] Por isso, apesar de tudo, prefiro ir estando sozinha [...]¹⁰

A solidão é a motivação, reiterada quando Natália reinicia a escrita do diário¹¹, pois está novamente solitária. Esse modelo narrativo, aconselhado por um escritor que entrevistara, avança com a ação, delineando o presente permeado por *flashbacks*, ao qual a narradora afirma, ainda nas primeiras linhas da narrativa¹², que seguiria, pois, como confidência, “estou habituada a fazer o que me dizem para fazer. Ou, pelo menos, a parecer que procuro fazer o que me dizem para fazer”¹³. Essa confidência indica, numa primeira leitura, sua falta de autonomia, tanto para escrever quanto para com a própria vida, em que seria sempre influenciada. Mas, em segunda leitura, evidenciamos um movimento articulatório, que é muito bem utilizado pelo narrador Bento.

De sugestionado, o narrador de *Dom Casmurro* passa a produtor das sugestões, ocorrendo, no decorrer da narrativa, “persistente processo de sugestão, em tom baixo”¹⁴, pois “há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição”¹⁵. Bento sugestiona que a maturidade, a reflexão e as curiosidades de Capitu seriam indícios da pré-existência da Capitu que um dia o trairia. Natália semeia as incertezas, suas incertezas, mas sempre permeadas de sugestões de não o serem:

⁸ Ibidem, p. 24

⁹ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Formar, 1983. p. 147

¹⁰ MACEDO, Helder. *Natália*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010. p. 20-21

¹¹ Ibidem, p. 179

¹² Ibidem, p. 9

¹³ Ibidem, p. 20

¹⁴ GLEDSON, John. *Machado de Assis: Impostura e realismo*. São Paulo: Schwarcz, 1991. p. 30.

¹⁵ ASSIS. *Dom Casmurro*. São Paulo: Formar, 1983. p. 175.

Não sei onde isto da diferença entre o bem e o mal me está a querer levar. O fato é que desconfio da diferença. Se eu fosse católica praticante, à maneira antiga, seria tudo muito simples: penumbra, confessionário, joelhos ruborizados, e o padre do lado de lá da grelha a ouvir e a decidir o que é o quê. Depois penitência, e pronto, alma lavada. Os psiquiatras de hoje em dia não são a mesma coisa, deixam a alma mais suja. A sua função é revolver a lama e fazer-nos concluir que somos a lama revolvida.¹⁶

Na primeira frase, o narrador menciona não saber a diferença do bem e do mal, e exime-se da “responsabilidade” de o saber, delegando isso a um padre que a perdoaria. Mas como tal não é possível, comenta a incapacidade dos psiquiatras ao não aliviá-la, fazendo-a sentir mais suja. O que ela confia, implicitamente, é haver em sua alma “essa lama”, a culpa. Natália indica ser seu Avô o detentor deste juízo, a diferença entre o bem e o mal¹⁷, e não ela.

Natália brinca com sua culpa e responsabilidades, delegando-as aos outros. E quando se pode realmente apontá-la, apresenta-se inocente do que fez. O melhor exemplo de seu monólogo provém das circunstâncias da morte dos seus avós.

No caso do Avô nem tinha sido bem morrer, já quase não tinha corpo. Dei-lhe os comprimidos, olhou para mim pela última vez, adormeceu na poltrona e não acordou. Talvez por já não ter mais histórias para contar. Tinha de ser.¹⁸

Também não foi por maldade que dei os comprimidos ao Avô ou que levei a Avó a passear no mar que não havia entre as casas, lá porque o médico disse que podia resultar em pneumonia.¹⁹

Estas passagens são obliteradas pelo restante de sua narrativa, mas são resgatadas quando Natália reproduz a fala de Fátima, quando estas estão brigando, a sua última briga:

[...] *Para poderes continuar a matar toda a gente em meu nome, até a mim! E depois acreditares que fui eu? Como se a criminosa fosse eu, como se eu fosse a tua doença hereditária? Ah, agora estás outra vez com cara de medo! Mas agora é medo a sério, ainda bem! Já não é só para brincares aos teus medinhos de menina maluquinha. De assassina inocentinha.*²⁰

O excerto sintetiza o que Natália imprimiu em fragmentos pelo texto. Essas informações diluídas perdem-se na memória de quem lê. O mesmo efeito evidenciamos em *Dom Casmurro*, pois

opera sobre extensões muito mais amplas, permitindo que as informações fiquem menos concentradas e, assim, sejam absorvidas menos conscientemente. Com efeito, o tom fragmentário se torna ele mesmo parte de um plano retórico que pode iludir o leitor, quando o romance é, na verdade, minuciosamente estruturado do princípio ao fim.²¹

¹⁶ MACEDO, Helder. *Natália*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010. p. 15.

¹⁷ *Ibidem*, p. 17.

¹⁸ *Ibidem*, p. 53.

¹⁹ *Ibidem*, p. 65.

²⁰ MACEDO, Helder. *Natália*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010. p. 210. [grifo nosso]

²¹ *Ibidem*, p. 25-6.

3 A mão que nos leva

Para além da classificação de narrador em primeira pessoa, em *Natália* seu narrador é classificável como não-digno de confiança, apresentando algumas congruências com o narrador de *Dom Casmurro*, pois a estrutura dos dois romances “pretende persuadir o leitor e evitar a suspeita de que tudo possa não ser como parece, sem, é claro, destruir as bases de suspeição sobre as quais se assenta uma interpretação melhor”²². Em *Dom Casmurro* a intenção do narrador é incutir no leitor a culpabilidade de seu cônjuge, e o faz de tal forma, que não percebemos quando começamos a corroborar sua ideia. Em *Natália*, também, somos levados a pensar que a narradora, e personagem, é inocente e vítima da influência das pessoas com a qual convive e/ou conviveu, num movimento que coloca Natália na posição de acusadora, apontando falhas e interpretação das intenções alheias.

Assim, “o leitor se envolve na trama sem compreender de todo o que está correndo, ou aonde está sendo conduzido, de modo que, quando começa a perceber, já perdeu a capacidade para julgar como observador parcial”²³. Eis a estratégia de persuasão que tem como alvo o leitor²⁴, envolvê-lo nas incertezas identitárias de Natália incutindo na culpa da protagonista a argumentação de inocência do narrador. Eis o efeito alcançado por seu autor, Helder Macedo, que faz uso ilimitado do pacto de leitura²⁵ nesta obra em que até a existência da entidade narradora pode ser questionada.

Ora bem, cheguei ao fim.
Helder Macedo

Referências

- ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. *Capelas imperfeitas: o narrador na construção da literatura portuguesa do século XXI*. 2008. Tese de Doutorado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas, UFRGS. Porto Alegre, 2008.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Formar, 1983.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. ed. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: Impostura e realismo*. São Paulo: Schwarcz, 1991.
- MACEDO, Helder. *Natália*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: Mundo do texto e mundo do leitor*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997. V. III.

²² GLEDSON, John. *Machado de Assis: Impostura e realismo*. São Paulo: Schwarcz, 1991. p. 22.

²³ Ibidem, p. 26.

²⁴ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: Mundo do texto e mundo do leitor*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997. V. III, p. 277.

²⁵ Ibidem, p. 281.